

QUEM ANDA PRA TRÁS É CARANGUEJO

É impressionante a rapidez com que a diretoria da Eletronorte toma certas decisões que só servem para derrubar ainda mais seu clima organizacional, enquanto outras questões mais urgentes são ignoradas ou, pior, são aceitas como naturais ou imutáveis e ficam indefinidamente aguardando solução. A última e iluminada decisão da diretoria – restringir o acesso às dependências da empresa entre 8h e 18h – revela seu tom burocrático e visão anacrônica da realidade.

Para evitar tal erro, o STIU-DF ingressou uma ação cautelar na Justiça do Trabalho (ação n.º 681/2012, na 6.ª Vara do Trabalho), no dia 20 de abril, com pedido de liminar para que a Eletronorte mantivesse o livre acesso dos trabalhadores e das trabalhadoras às dependências da empresa. A liminar foi indeferida pelo fato de o juiz não entender que havia risco na demora da ação cautelar, que continua questionando a medida da empresa.

É claro que não somos contrários aos equipamentos cada vez mais modernos e precisos de registro e segurança do acesso ao local de trabalho, muito menos contrários à lei que garante os direitos do registro de ponto no momento real em que se entra e sai da empresa. Tam-

pouco somos condescendentes com casos de abuso que eventualmente ocorram.

Sabemos que as catracas a serem instaladas em breve, com registro automático de ponto, acessadas com a digitação da matrícula e leitura da impressão digital, serão muito úteis. O anacronismo da diretoria reside na tentativa de confinar os trabalhadores e as trabalhadoras dentro de um horário limitado, com o intuito de eliminar qualquer possibilidade de horas excedentes de trabalho, na ilusão de garantir maior eficiência. Ora, se a empresa se propõe a ser moderna e eficiente, deve evoluir para uma modalidade completamente inversa: a modalidade de gestão por processos.

Este é justamente o momento de quebrar o paradigma da gestão por horas de serviço. Os gestores se esquecem de que a grande maioria dos trabalhadores e trabalhadoras da Eletronorte não medem esforços para garantir a qualidade de seu trabalho, muitas vezes deixando de almoçar ou voltar para casa na hora do jantar. Por que, agora, querer nivelar a todos em uma forma de trabalhar que, já está provado, só gera insatisfação, cerceia a criatividade e reduz a produtividade? Com tal medida, a Eletronorte está andando na contramão dos tempos.

A diretoria acabará transfor-

mando seu corpo gerencial em meros controladores de ponto, e administradores de exceções e mais conflitos, ao invés de coordenarem processos dos quais devem ser parte integrante, acompanhando a fundo do que estão tratando. Da forma como a diretoria trata a gestão da empresa, isso se tornará muito difícil.

Dentro dessa nova visão de empresa, agora que a tecnologia garante total confiabilidade no registro de entrada e saída do local de trabalho, o sistema de registro de ponto tem que mudar, sim: tem que ser **totalmente livre**, deixando os trabalhadores e as trabalhadoras entrarem e saírem nos horários que, com responsabilidade, julgarem pertinentes.

Chega de tratamento preconceituoso e discriminatório, em que todos são suspeitos de quererem apenas “fazer hora” e não trabalhar.

A diretoria da empresa não perde em nada por confiar em seus trabalhadores e suas trabalhadoras. Fazendo isso, em breve verá que o clima organizacional será bem melhor – os trabalhadores e as trabalhadoras terão um desempenho e uma eficiência muito superiores, e os casos em que se detectar tendência de acúmulo de horas poderão ser tratados pontualmente, com serenidade, responsabilidade e respeito.